

CAMÕES

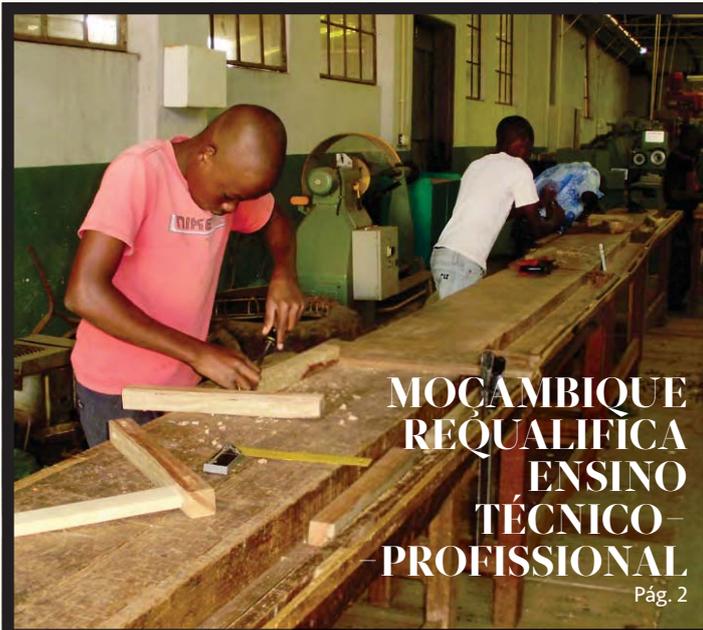
C **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Nº 194 • 21 de agosto a 3 de setembro de 2013
Suplemento da edição nº 1119, ano XXXIII,
do JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias
com a colaboração do Camões, IP



TEATRO DA GARAGEM NO FESTLIP DO RIO DE JANEIRO

Págs. 4



MOÇAMBIQUE REQUALIFICA ENSINO TÉCNICO- PROFISSIONAL

Pág. 2

Cinema português na Argentina e Israel

Pág. 4

Telemedicina em São Tomé e Príncipe

Pág. 3



2^a CONFERÊNCIA

LÍNGUA PORTUGUESA no sistema mundial

▼ LISBOA, 29 - 31 DE OUTUBRO 2013

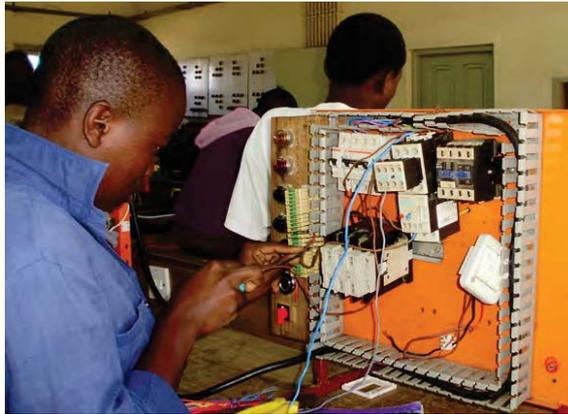
Moçambique requalifica Ensino Técnico-Profissional

«O impacto é tão significativo que o governo moçambicano quer ter uma destas escolas em cada um dos 128 distritos do país. É que, numa altura em que Moçambique vive uma grande expansão económica, sobretudo nas energias fósseis (petróleo, gás, carvão), «a existência de uma mão-de-obra qualificada é o núcleo dessa estratégia de desenvolvimento socioeconómico», considera José Mingocho Abreu, engenheiro, consultor do Camões, IP, em Moçambique para o Ensino Técnico-Profissional (ETP).

Nas atuais 38 escolas profissionais em funcionamento naquele país da costa oriental africana já concluíram a sua formação, nos dez ciclos realizados desde 2002/2003, mais de 25.000 jovens. A maior parte trabalha por conta de outrem, alguns geraram o seu próprio emprego e outros ainda continuam os seus estudos, explica o consultor. Por outro lado, as escolas profissionais, com projetos educativos territorializados, têm desenvolvido as regiões onde se inserem.

Herdeiras das antigas escolas de artes e ofícios ligadas às missões, 19 das 38 escolas profissionais são comunitárias e têm como promotores entidades como a rede Salesiana de Formação Profissional, a Caritas Moçambicana, a Igreja Metodista Unida de Moçambique, a Congregação das Irmãs Hospitalares da Imaculada Conceição e a Cooperação Italiana. Há 19 escolas públicas que têm como promotores as direções provinciais de Educação e Cultura. Em candidatura estão mais 12 escolas profissionais, com início de funcionamento previsto para 2014 e 2015.

É vasto o leque de ofertas formativas disponibilizadas pelas diferentes escolas, que têm sempre em vista a sua adequação aos contextos sociais e económicos das regiões onde se inserem. Assim, estão aprovados e em funcionamento cursos de carpinteiro/marceneiro, serralheiro civil/soldador, serralheiro de manu-



Escolas profissionais da Moamba e de São Francisco de Assis, província de Maputo, Moçambique

tenção mecânica, reparador de carroçarias, electricista de edificações, empregado de mesa e bar, operador agropecuário, electricista bobinador, pedreiro de limpos, jardineiro/flo-ricultor, horticultor/fruticultor, empregado administrativo, mecânico auto e técnico de ecoturismo.

FORMAÇÃO DE FORMADORES
A intervenção de Portugal neste processo data de 1996 (v. caixa) e,

no dizer de José Mingocho Abreu, «desde sempre que a ênfase deste projeto de apoio ao ETP moçambicano foi posta na requalificação de agentes educativos moçambicanos», por se ter verificado que uma das maiores fragilidades deste subsistema de ensino residia na falta de preparação/atualização técnica e psicopedagógica dos professores.

Deste modo, diz o consultor, foram planeadas e desenvolvidas ações de capacitação que envolveram não só as equipas centrais do Ministério da Educação de Moçambique, mas também os demais agentes educativos (professores, diretores e mestres). Este esforço permitiu a realização de 51 ações de formação, que envolveram 1.157 participantes, ocupando 2.730 horas de formação. Destas 51 ações, 7 foram realizadas em Portugal e abordaram temas de atualização técnica dos professores das diferentes áreas profissionais e temas transversais nas áreas da psicopedagogia e da administração e gestão escolar. As restantes 44 foram ministradas em Moçambique por docentes especialistas da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto e

História

Em 1996, o governo moçambicano solicitou à Fundação Portugal-África (FPA), do Instituto da Cooperação e da Língua (ex-IPAD), do Ministério da Educação, da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto de Emprego e Formação Profissional e de outras entidades.

O programa tem desenvolvido a reorganização curricular dos cursos, a formação de diretores, professores e mestres, a elaboração do quadro legal e regulamentar dos cursos, a inventariação das obras de restauro e ampliação das escolas envolvidas, e ainda o levantamento da tipologia dos equipamentos didáticos necessários.

Uma 2ª fase do programa iniciou-se em setembro de 2003, visando o apoio ao funcionamento de novas escolas, a transferência de *know-how* para a equipa moçambicana e a implementação de um programa de ações de formação técnico-pedagógica para professores, diretores e técnicos dos serviços centrais e locais do MINED.

Desde 2001 que vem decorrendo, em Moçambique, a operacionalização do Programa de Reativação das Escolas Profissionais de Moçambique,

por membros das Equipas Locais de Implementação e Desenvolvimento das Escolas Profissionais (ELIDEP). Estas equipas, descentralizadas, são constituídas por 20 agentes educativos moçambicanos que fizeram, em Portugal, um Curso de Especialização em Administração Escolar e Gestão da Formação, ficando dotados de competências para a preparação psicopedagógica dos professores das novas escolas profissionais de Moçambique. Com o mesmo objetivo, para o presente ano letivo foram programadas 3 ações de capacitação, uma delas já realizada na Escola Profissional de Mabote, na Província de Inhambane (centro-sul de Moçambique).

Também em Portugal estudam 24 bolseiros moçambicanos que, depois de uma preparação técnica de 3 anos letivos em escolas profissionais portuguesas, irão frequentar de setembro a dezembro deste ano um curso de psicopedagogia, ficando aptos para funções docentes. Decorre, neste momento, a

seleção e o recrutamento de mais 20 bolseiros que irão para Portugal em setembro próximo, terminando a sua formação em dezembro de 2016.

Trabalha-se também na organização de um encontro de diretores e diretores adjuntos pedagógicos das 38 escolas já existentes, com o objetivo de constituir a 'Rede de Escolas Profissionais de Moçambique' (uma das recomendações do Relatório da Avaliação Internacional, realizada em 2011).

No âmbito do Fundo de Apoio a Pequenos Projetos (FAPP) selecionaram-se 7 escolas que irão receber bancadas móveis de ciências, 'pequenos laboratórios' que permitem a realização de experiências nas áreas das disciplinas de Física, Química e Biologia.

Finalmente, em articulação com as autoridades educativas moçambicanas, a Cooperação Portuguesa, segundo o consultor, tem colaborado e participado em vários estudos que têm em vista a melhoria do subsistema do ETP.

Finalmente, em articulação com as autoridades educativas moçambicanas, a Cooperação Portuguesa, segundo o consultor, tem colaborado e participado em vários estudos que têm em vista a melhoria do subsistema do ETP.

Cabo Verde Unidade de Hemodiálise permite evitar evacuação

«Está praticamente concluída a construção da Unidade de Hemodiálise do Hospital Dr. Agostinho Neto, em Cabo Verde, um projeto cofinanciado pela Cooperação

Portuguesa, que vai permitir, tal como a telemedicina em São Tomé e Príncipe (v. texto neste suplemento), reduzir custos na prestação de cuidados de saúde avançados.

O objetivo último do projeto é o de permitir o tratamento dos doentes hemodializados em Cabo Verde, evitando a sua evacuação do país, a não ser em situações excecionais (caso de doentes que tenham de ser transplantados), possibilitando também o regresso de muitos dos pacientes que se encontram em tratamento, em Portugal.

Através do ex-IPAD (atual Camões, IP) foi assumido o compromisso de cofinanciamento da construção do edifício em que seria montada a Unidade de

Hemodiálise, até ao montante de pouco mais de 1 milhão de euros, distribuídos pelos anos de 2010 a 2012, e totalmente realizados.

Constituído por 3 pisos, o edifício - que foi construído por um consórcio luso-cabo-verdiano, com fiscalização de uma empresa portuguesa - compreende, no seu piso 0, uma área de receção e de distribuição, áreas técnicas e zona de tratamento de água, zona dos funcionários e clínica de diálise de isolamento; no piso 1 encontram-se, designadamente, a sala de hemo-

diálise, a sala de tratamentos e os serviços de apoio aos doentes, assim como uma sala multissos; o piso 2 é destinado, principalmente, à área de logística da unidade, bem como a uma zona de diálise peritoneal.

Após a instalação dos equipamentos, cujo financiamento está a cargo do próprio Governo de Cabo Verde, a Unidade de Hemodiálise poderá entrar em atividade, tendo Portugal, no âmbito de um protocolo assinado em 2008, assumido o compromisso de financiar o seu funcionamento nos primeiros 5 anos.

São Tomé e Príncipe Telemedicina ganha nova plataforma tecnológica

Uma significativa redução de custos e uma maior aproximação entre os médicos portugueses e os clínicos e doentes santomenses são as principais vantagens da telemedicina no âmbito do projeto na área da saúde desenvolvido pelo Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) em São Tomé e Príncipe (STP), segundo Ahmed Zaky, diretor de projetos daquela ONG portuguesa.

A utilização da telemedicina naquele país deu em junho um novo passo, com a entrada em funcionamento da 2ª geração da plataforma Medigraf, que veio reduzir os custos de todo o processo e o tornou mais simples, flexível e acessível.

A introdução da telemedicina no projeto *Saúde para Todos* do IMVF em STP, cofinanciado pelo Camões, IP, desde 2005, ocorreu em março de 2011 e visou aumentar «a eficácia e a eficiência» das consultas levadas a cabo por missões de médicos especialistas portugueses. Permite um «acompanhamento mais próximo», nomeadamente no caso de doentes submetidos a intervenções, bem como «a orientação de casos clínicos mais complexos», explica Ahmed Zaky; por outro lado, esta aproximação facilita também «a formação e acompanhamento à distância dos clínicos santomenses» para uma maior sustentabilidade do programa, refere o mesmo responsável.

O diretor de projetos do IMVF insere o recurso à telemedicina no histórico da intervenção da instituição em STP na área da saúde, que começou há 25 anos nos cuidados



preventivos e primários. «Sendo o perfil epidemiológico de STP dominado por doenças infecciosas, tínhamos que começar a tratar o que era mais comum e necessário – as infeções e a sua propagação. Por isso, começámos num distrito e abrangemos todo o território. Quando conseguimos assegurar uma rede de cuidados preventivos e primários, onde integrámos os serviços básicos nos centros de saúde, como análises ou consultas, mas também saneamento básico nas comunidades (...) passámos para níveis superiores», diz Ahmed Zaky. Com efeito, apesar dos cuidados preventivos e primários evitarem 80% das patologias, não as abrangem todas, pelo que, em 2008/2009, foram integradas as especialidades médicas (atualmente

22), «através de missões pontuais de médicos de 15 hospitais portugueses, que colaboram em regime de voluntariado, uma vez que este projeto é considerado de Interesse Público pelo Ministério da Saúde de Portugal».

Assim, desde a sua inauguração, a telemedicina permitiu a inserção na sua plataforma de mais de 11.400 exames de especialidade, disponíveis para consulta a distância, indica o IMVF. Estes exames foram a base de um número substancial de teleconsultas (mais de 5.000/ano, de 15 especialidades) e de formações a distância.

Estas teleconsultas reduziram, segundo o responsável do IMVF, 60% das evacuações sanitárias de STP para Portugal, poupando 1 milhão de euros ao erário português,

A 2ª geração

Quando o Instituto Marquês do Valle Flôr (IMVF) quis iniciar as consultas de telemedicina com a plataforma Medigraf, em março 2011, esta estava desatualizada e desativada, diz o diretor de projetos daquela ONG, Ahmed Zaky. As primeiras plataformas da Medigraf foram doadas pela Fundação PT e o IMVF custeava apenas as comunicações por satélite – cerca de 10.000€/mês, enquanto outras plataformas no mercado custavam cerca 500 mil dólares, além de usarem uma largura de banda de difícil acesso nos países africanos.

Tecnicamente, a 1ª geração da Medigraf exigia mais tempo para o envio das imagens e nem sempre o resultado tinha qualidade. Por outro lado, as teleconsultas só podiam ser feitas na sede do IMVF, o que obrigava à deslocação dos médicos voluntários, reduzindo a capacidade de resposta.

A 2ª geração da Medigraf, lançada em Junho de 2013, reduziu os custos por cada posto de ligação, sendo apenas necessário pagar as licenças anuais e o valor mensal de uma simples placa de rede, fazendo com que falar com doentes e médicos a muitos

quilómetros de distância, marcar consultas, carregar exames e ficheiros clínicos e manipulá-los em direto dependa de um computador normal com ligação à internet de 1 megabyte, explica Ahmed Zaky. Sendo uma plataforma móvel multiponto, permite a interação de vários profissionais de saúde em direto ou em diferido e de qualquer meio complementar de diagnóstico. Com a nova ferramenta, os médicos do SNS acedem à plataforma em qualquer lugar, dando consultas em direto mediante a sua disponibilidade ou enviando o diagnóstico através da plataforma depois de verem os exames em linha.

Atualmente, apenas o hospital central de São Tomé e Príncipe – Hospital Ayres de Menezes – tem serviço de telemedicina, porque é lá que estão os principais meios complementares de diagnóstico e os recursos humanos habilitados para fazer o acompanhamento necessário.

A nova plataforma Medigraf foi um desafio lançado à PT Inovação que, aliada à Universidade de Aveiro, colocou 16 pessoas a pensar no assunto e a desenvolver em nove meses.

que as custeava através do SNS, e de 20% da despesa a São Tomé.

A vontade do IMVF é alargar a rede de telemedicina a todos os países africanos de língua oficial portuguesa, diz Ahmed Zaky. «Seria um desperdício se esta tecnologia revolucionária não fosse expandida», considera o diretor de projetos, que estima o custo do alargamento em 100.000€/ano. Cabo Verde e Angola já transmitiram a vontade de

beneficiar do projeto, mas o sucesso da ideia irá depender, em larga escala, das parcerias institucionais e dos financiadores que se interessarem por ele, afirma.

O Projeto de Cuidados Especializados e Telemedicina conta, para além do Camões, IP, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Direção-Geral de Saúde (DGS) e o IMVF trabalha nele em parceria com o Governo de STP.

Exposição no Camões, IP O ilustrador checo de Pessoa

A relação entre Jiří Voves e Fernando Pessoa começou em 1997, quando foi publicada em língua checa a obra inacabada do poeta português – *Fausto. Tragédia Subjetiva*, com ilustrações do artista plástico checo. Seguiram-se ilustrações para as traduções de *O Banquete Anarquista* (1998), *O Livro do Desassossego* (2007) e a capa e arranjos gráfico para a *Poesia de Alberto Caetano* (2008) e *Cartas de Amizade, Amor e Magia* (2009), coletâneas organizadas por Pavla Lidmilová, tradutora e especialista checa na literatura de língua portuguesa. Mas a relação de Voves (n. 1945) com Pessoa não ficou por aí. Alguns dos temas do autor portu-

guês cruzaram-se com as preocupações de Voves e com ele estabeleceram um diálogo, espelhado em diversas obras do pintor checo.

O resultado de ambas as vertentes da obra de Voves, já mostrado em Praga, em 2010, quando da visita do Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, pode ser visto agora em Lisboa, em 2 mostras complementares, com o mesmo nome de *Autopsicografia - Desassossego da imagem e da palavra: Pessoa/Voves*, numa parceria da Embaixada checa, Casa Fernando Pessoa e Camões, IP. Até 28 de setembro, os desenhos de Voves para as obras de Pessoa podem ser vistos na Casa Fernando Pessoa, enquanto o Palacete Seixas,

sede do Camões, IP, recebe até 30 de agosto as pinturas do autor checo de temática 'livre' mas que, segundo ele próprio, «têm uma relação com Pessoa». Estas obras, que remontam há 20-25 anos, trabalham «sobre o tema da memória» que, «por acaso, está muito relacionado com a obra de Pessoa». E assim, a mostra do Palacete Seixas «acaba por trazer os quadros que são mais próximos de Pessoa».

Voves recorda que quando criou as ilustrações para *Fausto*, o quadro que ele já produzira sobre esse tema «foi um ponto de partida para criar as ilustrações para o livro». Leu depois o *Livro do Desassossego*, e, quando soube que Pavla Lidmilová estava a preparar a tradução, disse-lhe que se houvesse mais livros de Pessoa não se importava de criar as ilustrações. E assim, foi trabalhando à volta das obras do autor português.

Afirma que «a ilustração de uma obra literária, normalmente, é um

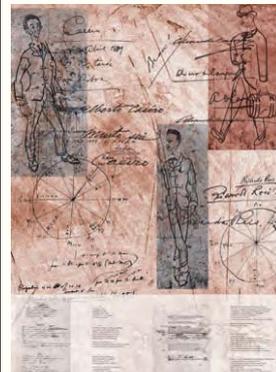


Ilustração *Cartas de amizade, amor e magia*

desafio para um artista plástico». Em *Fausto*, o tema era «complexo e difícil», mas, sublinha, «também foi di-

fícil para Pessoa». Ao trabalhar nele, diz, «andei a resolver alguns desafios pessoais e da minha criação».

Quando se fala de Fernando Pessoa na República Checa, logo surge a inevitável comparação com Kafka. Voves reconhece a coincidência «num certo interesse e paixão por si próprios, pelas suas pessoas», mas sublinha que «Pessoa cobre mais temas do que Kafka». E depois há o «lado esotérico e o interesse pelos mistérios», que não se encontra em Franz Kafka.

Mas onde Pessoa interpela diretamente o pintor checo é na sua heteronímia, porque, tal como o escritor português, Voves sente-se dividido na sua personalidade. «Penso que Pessoa teve aquela solução genial dos heterónimos. (...) Conseguiu resolver uma coisa que, na minha vida, me intriga sempre e para a qual tento encontrar uma solução. Tenho uma certa inveja de Pessoa ter conseguido isso».

